



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
INSTITUTO DE ARTES / DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS  
CURSO DE BACHARELADO EM ARTES VISUAIS

**Mapas afetivos do bairro São Geraldo**

GABRIELLA GASPERIM

Porto Alegre  
27 de outubro 2021

Gabriella Gasperim

**Mapas afetivos do bairro São Geraldo**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais.

Orientação: Prof<sup>a</sup> Dra. Jéssica Becker  
Banca examinadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Aline Nunes  
Prof<sup>a</sup> Dra. Maria Ivone dos Santos

### CIP - Catalogação na Publicação

Gasperim, Gabriella  
Mapas Afetivos do Bairro São Geraldo / Gabriella  
Gasperim. -- 2021.  
60 f.  
Orientadora: Jéssica Araújo Becker.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto  
de Artes, Curso de Artes Visuais, Porto Alegre, BR-RS,  
2021.

1. Cotidiano. 2. Caminhar. 3. Bairro. I. Becker,  
Jéssica Araújo, orient. II. Título.



*À minha avó Celly.*

*E aos amantes de lugares  
e de ver as pessoas sendo.*

## **Agradecimentos**

Nesta trajetória errante que foi minha graduação, iniciada em 2014 em outra universidade, pude formar uma rede de conexões muito rica. Por isso, agradeço às professoras Juliana Angeli, da UFPel e à Adriane Hernandez, que foi a ponte entre essas duas cidades. À Maria Ivone dos Santos, por todas as generosas partilhas nas primeiras aulas aqui e por ter aceitado fazer parte da banca, à Jéssica Becker, infinitamente, por unir os *semilleros* e por ser tão inspiradora e a melhor orientadora que eu poderia desejar. E à prof<sup>a</sup> Aline Nunes, pela sensibilidade nas contribuições da banca. Agradeço à UFRGS pelo ensino público, gratuito e de qualidade. Agradeço a todas as pessoas que conheci no Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre, lugar pelo qual desde cedo tenho muito carinho.

Também sou grata aos meus pais, por me apoiarem sempre. À minha mãe, por me incentivar a estudar e a sonhar; ao meu pai, por me ensinar a ter os pés no chão e ao meu irmão, pelo carinho incondicional. Agradeço ao Jonas, por dividir a vida comigo; às amigas e amigos todos, de coração, pela parceria, especialmente à Isabella M., Eduarda L., Amanda P. e Caio R. Aos ex-colegas de UFPel espalhados por aí e aos atuais colegas da UFRGS, por todas as trocas. E por fim, a todas as pessoas que compartilharam comigo suas histórias.

## RESUMO

Esta pesquisa trata da investigação poética de um lugar a partir de experiências cotidianas, buscando criar vínculos afetivos com meu local de moradia e com as pessoas com quem, nele, meu caminho se cruza. Procuro lançar o olhar para o bairro São Geraldo<sup>1</sup> e seu entorno imediatamente próximo, a fim de vivenciar e registrar situações do cotidiano, especialmente no momento de suspensão do tempo, mudanças e tensões que a situação da pandemia de *Coronavírus* tem provocado. Por meio da prática de caminhadas, ações, proposições, cultivo e interesse por plantas, reúno aqui uma série de relatos de experiências, bem como reflexões, referências de artistas e teóricos, registros e uma proposta de desdobramento.

**palavras chave:** cotidiano. caminhar. bairro.

---

<sup>1</sup> Bairro da zona norte de Porto Alegre-RS.

## **SUMÁRIO**

### **1. Sobre como vim parar aqui**

### **2. Mapas imaginários, caminhadas mentais**

2.1 Notas de uma caminhada

2.2 Sanguessuga no Paraíso do Real

### **3. Conexões**

3.1 Uma agonia em comum

3.2 Acumuladores

3.3 *Pra lembrar da minha casinha no interior*

### **4. Livro**

### **5. Caminhar, parar e continuar caminhando**

### **6. Bibliografia**

## 1. Sobre como vim parar aqui

Minha compreensão da vida e da arte é marcada pelas relações afetivas que estabeleci ao longo da vivência e do trânsito frequente entre diferentes contextos urbanos em que vivi, no interior litorâneo de Osório, na cidade universitária de Pelotas e agora, em Porto Alegre. Em todos esses lugares, estive próxima a contextos coletivos e colaborativos ligados à arte em geral, contracultura, natureza e ativismos. Alguns deles de caráter libertário, o que me deu acesso cedo à leitura de textos inspirados em movimentos como a *Internacional Situacionista*<sup>2</sup> ou o grupo *Fluxus*<sup>3</sup>.

Sem saber o que eram direito, me entusiasmava e me deixava levar pelos tons revolucionários, inflamados e até messiânicos de *fanzines* libertários que continham textos de inspiração situacionistas, proposições e instruções à la *Fluxus*, e para mim aquilo sempre foi nada menos do que um estilo de vida. Apesar de ainda ser jovem, me sinto constantemente velha e ranzinza e achei que um pouco desse

---

<sup>2</sup> *Internacional Situacionista*, movimento artístico e político idealizado pelo francês Guy Debord (1931-1994) e outros intelectuais principalmente europeus nos anos 1960-1970, interessados em lutar contra a cultura do espetáculo e a passividade da sociedade no meio urbano.

<sup>3</sup> *Fluxus*, grupo que reuniu artistas de distintas áreas (música, teatro, artes visuais, poesia, vídeo, entre outras) ativos entre as décadas de 1960 e 1970, tendo seu nascimento oficial na Europa, ligado a George Maciunas (1931-1978). Da corrente anti-arte e caráter libertário, realizavam eventos, publicações, happenings, correspondência postal, entre outros.

entusiasmo tinha sido deixado para trás. Mas ao longo da pesquisa, precisei admitir que a influência do pensamento *anti-arte* nunca me deixou, o que mudou foi apenas a compreensão de que o que quer que seja “revolucionário” hoje em dia, seja dentro do sistema das artes ou na sociedade, pode ser muito mais sutil, sem perder a criticidade.

Eu não acredito no coletivismo da arte nem em existir somente um caminho para qualquer coisa. Eu acho que é bom voltar a ter várias artes diferentes, incluindo happening, assim como é bom ter muitas flores. (...) Arte não é meramente uma duplicação da vida. Assimilar a arte na vida é diferente de arte que duplica a vida. (ONO, Yoko, 2009 [1964] p. 279).

Desde o início da faculdade falava, a quem me interrogava sobre perspectivas, que meu sonho era fazer parte de uma “banda de arte”, que seria, em minha idealização, um coletivo artístico e político não institucionalizado, algo próximo do *Provos*<sup>4</sup> e do Fluxus. Ao longo da vida fiz parte de alguns grupos efêmeros, espontâneos, autogestionados e independentes, voltados para organizar eventos culturais paralelos a eventos oficiais, propor jogos em praças públicas, criar hortas comunitárias, abordar estranhos de forma lúdica, cada um fazer de tudo um pouco sem se dizer artista de nada, agindo diretamente no coração da vida e no centro das cidades, mesmo as do interior. Agora, além de fazer parte de um projeto de música de fato, encontrei o grupo *Semilleros*<sup>5</sup> de arte de ação. Portanto, é inevitável mencionar que me identifiquei artisticamente com o pensamento e as pesquisas e trabalhos artísticos das parceiras *semilleras*,

---

<sup>4</sup> *Provos*, grupo da contracultura holandesa atuante nos anos de 1960.

<sup>5</sup> Coletivo aberto e independente de Arte de Ação iniciado em 2019 em Porto Alegre-RS. (Membros atuais: Anna Hanel, Anazu, Balbina de Sá, Brenda Leie, Jéssica Becker, Mar Acosta, Nico Andrade, Karina Nery, Karen Santos, ....)

Não tenho presente no meu dia a dia "o que vou fazer hoje como artista" – vou vivendo, plantando, me envolvendo com as coisas do sítio, de que eu gosto muito, do jardim de casa... e elas vão me provendo repertório e motivação para trabalhar. E, claro, sempre estou atenta a tudo o que me contam e outros depoimentos pessoais que me mobilizam. (BERNARDES, 2017, p 14).

principalmente Mônica Rosa<sup>6</sup> e Anna Hanel<sup>7</sup>, e da idealizadora do grupo e orientadora desta pesquisa, Prof<sup>a</sup> Dra. Jéssica Becker.

Qual seria o tema de pesquisa do meu trabalho de conclusão era algo que me atormentava de tal maneira ao longo da graduação que eu simplesmente evitava pensar sobre. Quando precisei de fato decidir, as coisas andavam tão mal no mundo e com todo mundo, que eu só tinha uma resposta possível, seria sobre a vida e o que estivesse acontecendo de mais interessante para mim naquele momento. Em meio à pandemia mundial, genocídios, crises ambientais, econômicas, entre outras coisas terríveis e afetos tristes, o que ainda fizesse algum sentido. Eu recém havia me mudado para outro lugar dentro da cidade, um bairro mais calmo pelo qual eu poderia ao menos caminhar ao ar livre, e vinha fazendo isso como forma de manter a saúde.

A cada semana de orientação surgia uma ideia totalmente diferente da outra. Para conseguir pensar, eu precisava sair para caminhar e por as coisas no papel, descobrindo que caminhada e escrita narrativa seriam minhas metodologias. Não teria como não ser um projeto indeterminado, ou seja ter uma ideia de ação e fazer, abraçando os acasos. Para depois relatar, procurar compreender conceitualmente e pesquisar

---

<sup>6</sup> Mônica Ribeiro Rosa. Torres, 1997.

<sup>7</sup> Anna Thereza de Carli Hanel. Passo Fundo, 1995.

A posição da arte "contextual", em resumo: colocar a boa distância representações (a arte clássica), desvios (arte de espírito duchampiano), perspectiva autocrítica onde a arte se considera e dissecar a si mesma, de maneira tautológica (a arte conceitual). Sua aposta: fazer valer o potencial crítico e estético das práticas artísticas mais enfocadas na apresentação do que na representação, práticas propostas no modo de intervenção, aqui e agora. (ARDENNE, 2002, p. 12, tradução minha).

referenciais práticos e teóricos que ajudassem a me situar dentro do campo das artes visuais. Tendo também, aportes literários como inspirações anteriores, como leituras oraculares principalmente de Júlio Cortázar<sup>8</sup>, mas também de Georges Perec<sup>9</sup>.

Antes das primeiras experiências, após compreender que minhas motivações seriam de viés contextual, iniciei as leituras pelo teórico Paul Ardenne, a respeito das práticas da arte contextual. Depois das primeiras experiências com mapas, pesquisando informações mais objetivas sobre o bairro, estudei sobre psicogeografia e os situacionistas. E então, artistas caminantes, o conceito de deriva e o caminhar como prática estética, em Francesco Careri e também Jacopo Criveli. Passei brevemente pelos conceitos de cartografia e autobiogeografia, depois voltei aos textos sobre o grupo Fluxus e, por fim, pesquisei sobre formas de expor "arte que se parece com a vida" (FERVENZA, 2005, p. 80), sobre a desmaterialização da obra de arte, em Lucy Lippard e sobre outros formatos de espaço expositivo, nos textos de Hélio e Maria Ivone. E também sobre publicações e livros de artista, em Regina Melim e Paulo Silveira.

Uma das descobertas mais entusiasmantes, nesse sentido, se deu quando a professora Aline Nunes me apresentou

---

<sup>8</sup> (Bélgica, 1914-1984) Escritor argentino, do movimento literário Realismo Mágico.

<sup>9</sup> (França, 1936-1982) Escritor integrante do movimento Oulipo, de literatura potencial.



Ancoradas às pesquisas de cunho narrativo, as reflexões vindas dos relatos e escritos autobiográficos não pretendem trazer à tona verdades sobre os processos de se deslocar, informando dados, datas, pontos de partida e de chegada, contando a vida de modo linear. Por outro lado, possibilitam construir sentidos a partir da experiência de transitar por territórios distintos e daquilo que é fabricado, inventado, torcido e multiplicado nesta condição" (NUNES, Aline, 2015. p. 64)

perspectivas de pesquisa como a autobiográfica, a pesquisa narrativa e a cartográfica, que nos dão a possibilidade de entrar em contato com histórias pessoais de pesquisadores, narradores, que para mim sempre foram as que interessavam mais e das quais mais aprendia, visto que a escrita acadêmica em geral é bastante enrijecida e me repelia, mesmo dentro da linha de poéticas.

Ao longo da pesquisa, compreendi minhas práticas, processos e conceitos artísticos enquanto próximos (e influenciados), em termos de uma postura que entende a arte e a vida como indissociáveis e interessada nos processos de escuta e compartilhamento de histórias de vida, aos trabalhos das artistas Maria Helena Bernardes e Ana Flávia Baldisserotto. Maria Helena é autora de algumas publicações, como o trabalho *Vaga em campo de rejeito*, um relato de experiência, onde a artista vai até a cidade de Arroio dos Ratos à procura de lotes vagos. Quando encontra um, faz uma réplica, em cimento, de seu formato e a desloca até um campo de despejo de rejeitos, com a autorização da prefeitura e a ajuda e mobilização de toda a comunidade local. Depois, o trabalho é inaugurado como atrativo na Festa da Melancia e celebrado por envolvidos e curiosos, e a experiência é relatada em um livro.

(...) desejávamos desenvolver uma ação conjunta que excluísse projetos, roteiros, modos de fazer e objetivos; uma experiência livre, que pudesse nos levar ao encontro de lugares e pessoas ainda desconhecidos, apoiando-nos em uma estratégia que compartilhamos com gosto: a das longas caminhadas, percorrendo locais excêntricos às nossas rotinas e nos deixando sentar demoradamente em um banco de praça ou cordão de calçada inéditos em nossas vidas (...) (BERNARDES, BALDISSEROTTO, 2012, p. 7)

Em *A estrada que não sabe de nada*, aventura de mais de seis anos, também narrada em um livro lançado em 2012, ela e Ana Flávia, ambas artistas e professoras, fazem um pacto em que tinham o compromisso de encontrar-se uma vez na semana para caminhar juntas, realizar derivas e sair de suas rotinas, sem projetos definidos, apenas levando consigo alguns desejos e sonhos não realizados. Elas acabam saindo de Porto Alegre e mergulhando no universo da pacata Eldorado do Sul, do outro lado da ponte, e conhecendo seus moradores e criando uma vida lá, ao longo dos anos também passam por Canoas e até mesmo Nova Jérsei, refazendo os passos de Robert Smithson<sup>10</sup> em *Passaic*.

Ana Flávia é idealizadora de um projeto de caráter mais participativo, de 2007, pelo qual também me sinto profundamente inspirada e do qual tive a oportunidade de participar presencialmente, chamado *Carroça de Histórias Ambulantes*, que consiste em uma carrocinha, estilo de cachorro-quente, mas de escambo de mercadorias simbólicas como fotografias analógicas descartadas, entre outros, pela escuta de histórias dos passantes. E circula pela cidade mensalmente, geralmente no Parque da Redenção, mas eventualmente em outros locais. Durante a pandemia esteve funcionando online e possui um PodCast chamado Rádio Carroça.

---

<sup>10</sup> Rober Smithson foi um dos principais artistas da *LandArt* nos anos 1960 e tem um famoso ensaio chamado “Passeio pelos monumentos de Passaic”, na sua cidade natal, Passaic, Nova Jérsei, EUA, em 1967, onde faz fotografias instantâneas, analisa e reflete sobre entropia e anti-monumentos.

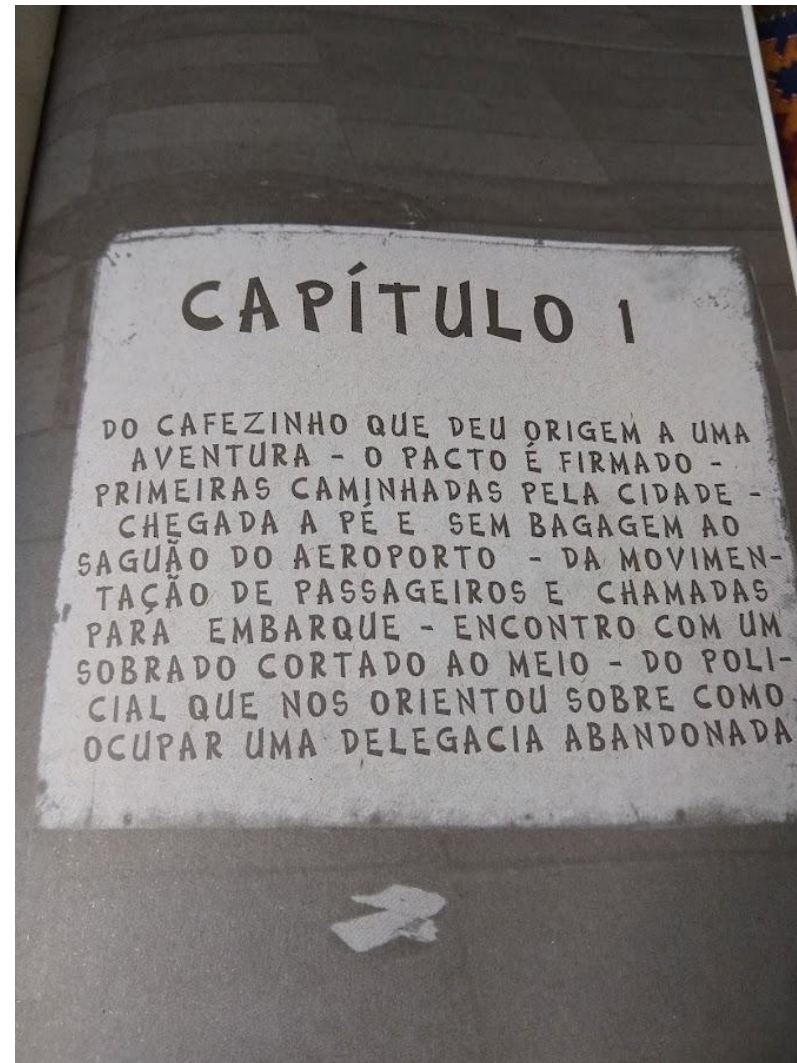


Imagem: Página 13 do livro *A estrada que não sabe de nada*. Ana Flávia Baldisseroto, Maria Helena Bernardes. RJ, Confraria do Vento, 2012. 252 p. Biblioteca pessoal.



*Um dia, quando recém tinha terminado o colégio e ainda decidia com muita angústia qual curso iria fazer, eu caminhava pela cidade onde cresci até que cheguei a uma figueira enorme onde costumava brincar. No pé da figueira havia uma casinha feita à mão, cheia de detalhes, que me transportou para um universo de memórias de infância e tive um ímpeto de me conectar com aquela criança, pensando em algo que eu teria gostado que tivesse acontecido quando eu mesma era. Fui em casa e procurei por algum objeto que pudesse ser uma espécie de tesouro, e o mais próximo que encontrei foi uma estatuazinha de gesso de um Buda dourado. No caminho, coletei algumas flores de bougainville e levei ao local. Enterrei o tesouro em um ponto e fiz uma trilha de flores rosas até a casinha. Depois passei a visitar o local até ver que tinham não apenas desenterrado o tesouro como também quebrado a casinha.*



*Há poucos anos, em um bar, um grupo de estudantes de cinema com quem eu estava, conversava sobre qual seria a “sétima arte”, se não fosse o cinema. Entediada, perguntei a um desconhecido da mesa ao lado o que ele achava e fui surpreendida com uma resposta sem hesitação e gesticulando com os dedos, enumerando: “Arte? taco, pique esconde, bolita, pega-pega... Se não é isso, então é Sexo! A sétima arte.”*



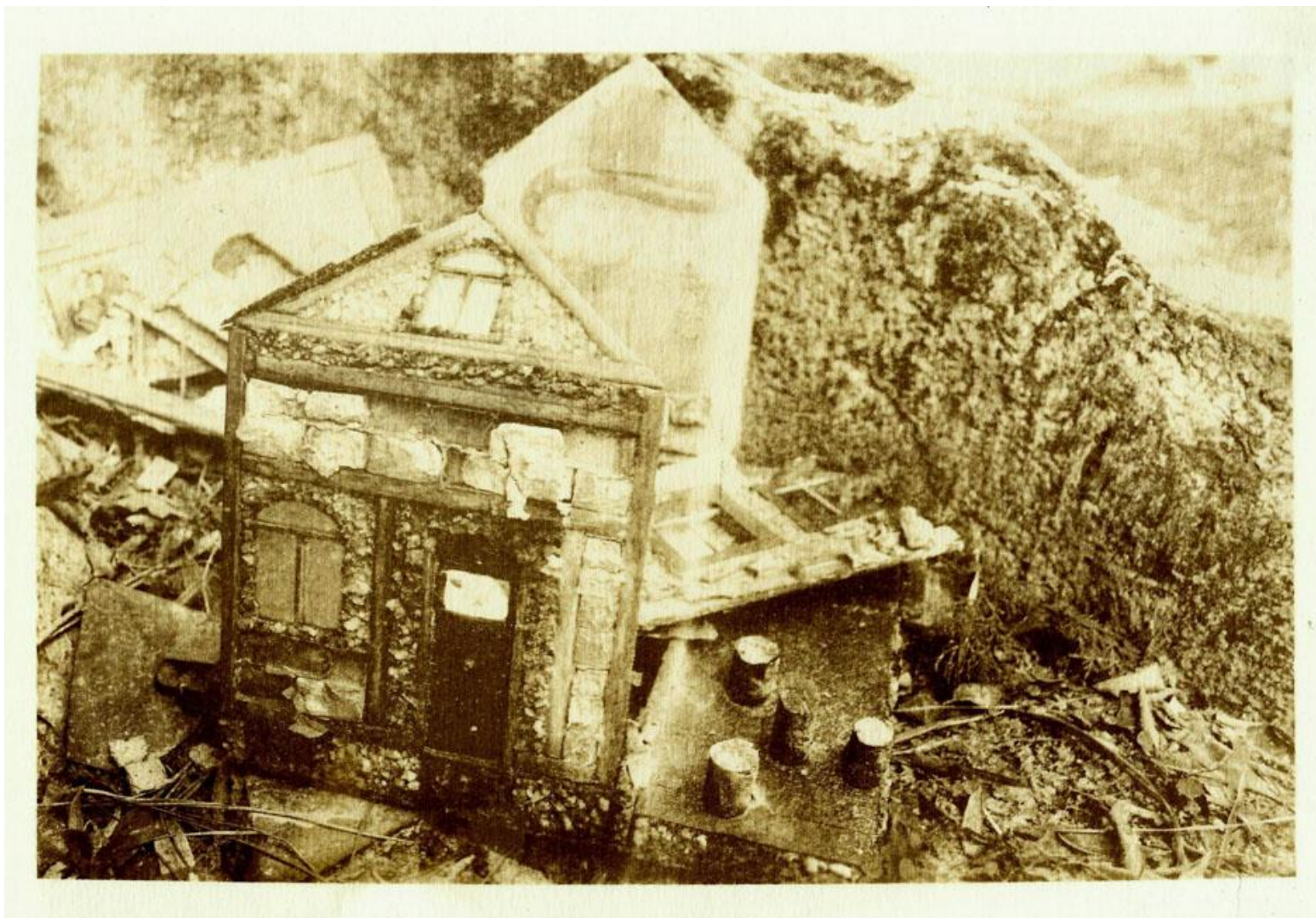


Imagem: Osório-RS, 2013. Fotografia digital revelada à mão, 2019. 21x29,7cm Acervo pessoal.

Voltando ao presente, quero falar um pouco sobre esse lugar que tem sido minha morada e laboratório ao ar livre. Mas antes, um pouco de seu contexto. O bairro São Geraldo é um dos mais antigos da cidade, sua ocupação, loteamento e abertura de vias ocorreu no final do século XIX. Muitos de seus primeiros moradores eram de origem polonesa, italiana e alemã, e alguns paravam no meio do caminho com destino, na verdade, à Novo Hamburgo ou outro município da região metropolitana, e acabavam ficando pois conseguiam emprego nas indústrias presentes principalmente na área da Av. Voluntários da Pátria e arredores. Alguns traços dessas culturas se fazem presentes até hoje em prédios históricos, igrejas, nomes das ruas e até mesmo na vegetação, por algumas espécies exóticas.

O bairro é localizado na zona norte e atualmente faz parte do que se chama Quarto Distrito, que também engloba os bairros Floresta, Farrapos, Navegantes e Humaitá, região que há muitos anos está “abandonada” e passando por processos de gentrificação e especulação imobiliária. É um bairro marcado por desigualdades sócio-econômicas evidentes e tem sido objeto de estudo acadêmico e projetos sociais em diversas áreas como arquitetura, geografia, ciências sociais, entre outros, onde é possível encontrar material bastante rico.

Há aqui uma aura melancólica como de quase todo lugar que teve um auge de desenvolvimento e urbanização e, por diversos motivos, entrou em processo de decadência. Em meio a vazios, obras, casas abandonadas, galpões e maquinários desativados, descarte indevido de lixo, também há muitas árvores frutíferas, casas com jardins, pequenos comércios, ateliês e uma vegetação “clandestina” que toma conta das calçadas e de onde mais puder crescer.

Antes de vir morar aqui, como várias pessoas, eu apenas passava e encarava como um local industrial, de comércio e passagem, “dormitório”, e tinha curiosidade sobre esses imensos vazios tão interessantes esteticamente, mas também sobre as pessoas que aqui moram e frequentam. Tendo me mudado durante a pandemia e não tendo saído das imediações com a frequência de antes, sinto como se estivesse em outra cidade e pude perceber aspectos sutis de vida de bairro como nas de cidade do interior, que me instigaram e de certa forma me deixaram mais à vontade para ir deixando minhas raízes se aterrarem.

## 2. Mapas imaginários, caminhadas mentais

Um cronópio pequenininho procurava a chave da porta da rua na mesa de cabeceira, a mesa de cabeceira no quarto de dormir, o quarto de dormir na casa, a casa na rua. Por aqui parava o cronópio, pois para sair à rua precisava da chave da porta. (CORTÁZAR, 1964, p.118).

*Espaço do apartamento, sacada, área comum do edifício, pátio da frente, vaga de garagem, calçada, rua, casas vizinhas, outro lado da rua, esquinas da rua, volta na quadra de trás, volta na quadra da frente... Espaço dos vasos de plantas da área comum, mato, inço, matos de comer, canteiros da frente do prédio, pátio das casas vizinhas, hortas dos vizinhos, árvores da rua, frutinhas no chão... Conversas escutadas de dentro de casa, conversas trocadas com vizinhos conhecidos, conversas trocadas com vizinhos desconhecidos, conversas trocadas com passantes, silêncios compartilhados, conversas de passarinhos, latidos, miados, aviões, maquinário de obras... Correio, correspondências de vizinhos, de ex vizinhos e vizinhos que já se foram, correspondências endereçadas erradas... Caminho feito saindo do apartamento pelas escadas, passando pelos andares dos vizinhos, caminho feito saindo da casa para o bairro...*

No início, as primeiras caminhadas e experimentações foram solitárias. Passava muito tempo em torno do jardim e em minha rua, fazendo anotações, observando a movimentação dali. Em função da pandemia e do distanciamento social,



Saber perder-se carrega consigo uma grande dissipação de energias e, sobretudo, de tempo. Mas é só perdendo tempo que se ganham Espaços Outros. (CARERI, 2017, p. 117).

evidentemente estava mais isolada. Pensava sobre a contradição e o aspecto sintomático, também, em querer fazer ações que envolvessem grupos, abordagem de desconhecidos e coisas do gênero, e tentei observar melhor esse movimento mais restrito e solitário. Refletindo sobre os novos e velhos espaços que eu vinha descobrindo ao meu redor, um dia me deparei com a imagem de um nó no mapa. Estava usando o aplicativo de celular *Strava* para mapear alguns caminhos feitos, mesmo em contradição ao meu desejo de criar meus próprios e não depender da *geolocalização* digital (tendo um dispositivo móvel, não temos muita escolha)... E me instigaram os desenhos desses *deslocamentos mínimos*<sup>11</sup>. São os deslocamentos que não contam durante a prática de exercícios de um atleta, por exemplo. Porém, já acompanhei pessoas que utilizam para esses fins e, às vezes, quando falta uma certa quilometragem para atingir sua meta ou ranking nesse sistema, ficam dando voltas aleatórias em algum lugar ou espaço. Não era incomum também, no início da pandemia, ver pessoas em praças percorrendo um quadrado ou círculo imaginários dentro de seu perímetro de isolamento individual.<sup>12</sup> No meu caso, reuní esses 'nós' que aconteciam tanto em caminhadas mais longas pelo bairro, quanto nesses *deslocamentos mínimos*.

---

<sup>11</sup> Lembrei aqui do trabalho *The Great White Way: 22 miles, 5 years, 1 street*. de William Pope (1955, NJ, EUA). Que traz diversas críticas, dentre elas sobre "o privilégio de ser uma pessoa vertical", já que ele mesmo é uma pessoa com deficiência física.

<sup>12</sup> Talvez tenham existido vestígios à la *Richard Long* dessas "performances" espontâneas da pandemia.



Imagem: Gabriella Gasperim. Colagem digital a partir de *print screens* do aplicativo *Strava*. 2021



Imagem: Gabriella G. fotografia digital. Mapa do bairro, anos 1990, doação do dono da ferragem. 2021

## 2.1. Notas de uma caminhada

*Terça-feira de carnaval, 15:16. Sol, vento, cidade vazia. Berlim, capital da Alemanha. Ônibus 6372. Trabalhadores do Departamento Municipal de Limpeza Urbana, entregadores de aplicativo em bicicletas de aplicativo. Comércio fechado. Olinda, Pernambuco. Uma mulher loira passeia com seu cachorro shitsu na direção oposta a que vem vindo uma mulher negra, carregando um carrinho-sacola. A mulher loira se prepara para dobrar na próxima esquina. Procura-se gato. Ele é "branco dos olhos azuis" e tem manchas amarelas pelo rosto. Atende pelo nome de Fedido. Sua dona sente muito sua falta. "Tem criança em casa chorando pela falta do bichinho". Supermercados e algumas farmácias são as únicas coisas abertas. Em frente, pessoas pedindo dinheiro. O bar de esquina, ao lado do supermercado, também está aberto e as mesas estão ocupadas com senhores e senhoras tomando cerveja. Passa uma pessoa de bicicleta e ficamos nos olhando, mas caminho na direção oposta no ritmo exato em que a pessoa pedala e um tronco de árvore que está entre nós oculta nossos rostos. Nos olhamos sem nos ver. Pernambuco, 2474, parei numa casa para ver um gato dormindo, fiz pspsp e ele nem se moveu. Uma parreira de uvas e maracujás secos e, na janela, uma figura de Jesus voando em meio às nuvens. Terreno vazio, Almirante Tamandaré esq.*

Pernambuco, amanhã vai ter um prédio. Casa abandonada, agarro a grade da janela remanescente e piso na parede para espiar seu interior todo queimado. Avenida farrapos, paro para pensar se atravesso, um carro buzina para mim. Passa um carro da polícia. Quem tem medo da AV. Farrapos? Visconde do Rio Branco 237, Antiguidades, Móvelia de época e Objetos de decoração. As outras duas casas de esquina também são antiquários, esses dias achei um livro de um professor do IA ali. Uma criança passa correndo do outro lado da rua do banco onde sentei. Esquina, outro terreno vazio. Saia caminhando por qualquer cidade e eventualmente encontrará uma igreja. Paróquia São Pedro 1919-2019. Dei a volta pela lateral esquerda, na porta, um papel impresso com os horários das missas dos próximos meses, será que a paróquia não tem Facebook? O vitral tinha a figura de duas chaves douradas cruzadas e embaixo a igreja em uma ilha rochosa no meio do mar com ondas. Contato dos Alcoólicos Anônimos. Ecoponto do Departamento Municipal de Limpeza Urbana, uma casinha de madeira e muitas plantas. Na placa, o slogan "destino certo". Bandeiras do brasil marrons, desbotadas de vergonha por toda parte em vários edifícios diferentes. Também algumas bandeiras do estado e dos times de futebol. Uma casa abandonada típica, com trepadeiras de heras por tudo, tapando as janelas. Lixo espalhado pelo pátio, vasilha de ração com formigas, portão, portas e janelas

abertas. Na lixeira em frente, papéis rasgados transbordam pela calçada. Encontro um envelope fechado com o desenho de uma sereia: sirene club hotel, uma cadernetinha de endereços e uma placa que diz: "É proibido enrolar...". Passo por uma parada de ônibus e peço para sentar ao lado de uma senhora que está sentada em uma escada da entrada de uma loja fechada. Ela diz que sim e que está muito cansada, por isso está sentada ali. Sento um pouco afastada e pergunto se ela mora ou trabalha por aqui. Ela aponta para o prédio que se vê por detrás do comércio do outro lado da rua, um prédio alto, laranja e branco. Não é aquele, ela trabalha no de trás dele. E mora em Viamão. Nos domingos e feriados não passa o ônibus dela e conta que precisa ir até o centro. O ônibus chega, nos despedimos. Leio na sua bolsa: 'se a vida te der limões, nós levamos para você'. Fico ali sentada, vejo passar uma mulher de bicicleta com uma criança pequena na garupa. Fico olhando para suas tatuagens. Atrás dela vem um homem, nos olhamos, nos reconhecemos e acenamos um para o outro. Volto caminhando pelo canteiro do meio da avenida, ziguezagueando pelas árvores. Tem algumas frutíferas nesse trecho, identifiquei jambolão, limoeiro e pitangueira. Tem também alguns pinheirinhos velhos e solitários. O sol já está baixando e a brisa está agradável, ajudando a respirar por dentro da máscara.

## 2.2. Sanguessuga no Paraíso do Real

Andando imersa em pensamentos e fazendo anotações em meu bloco, esqueci-me a data do dia em questão, que gostaria de registrar, então espontaneamente abordei uma mulher desconhecida que caminhava na direção oposta, a quem fiz um gesto de apontar para meu próprio pulso e perguntei: *“Com licença, pode me dizer que dia do mês é hoje?”*. Ela olhou com estranhamento, hesitou, mas respondeu *“14 de março”*; agradeeci e segui meu caminho. Outro dia, nosso caminho se cruzou novamente e, ao me reconhecer, ela abaixou a cabeça e apressou o passo. Tive um estranho sentimento de alívio, e passei a fazer isso propositalmente.

A Sanguessuga no Paraíso do Real foi um pouco esse tipo de acontecimento também. Aqui no bairro vizinho, o Floresta, onde fica um antigo Cine Teatro, está sendo construído um hotel. Já fazia algum tempo que o prédio estava em obras - o provável destino de todos espaços culturais e históricos da cidade. De qualquer forma, ao me mudar para cá, ali virou parte de meus trajetos e sempre observo o andamento da obra, andando por entre os tapumes e fazendo malabarismos para usar a calçada em frente. Um dia levei um susto com uma sanguessuga gigante escalando o prédio. E de repente ela

murchou e inflou de novo. Era uma lona preta que tinha sido colocada verticalmente num vão entre um andaime e a fachada ou algo do tipo, provavelmente para que não voassem resíduos para a calçada e o comércio. Atravessei a rua para olhar e fiz algumas fotografias, naquele momento mesmo, várias pessoas olharam também, de dentro dos carros ou quem passava. Publiquei a imagem nas redes sociais, levei amigos até lá para olharem comigo, fotografamos juntos, atraindo mais olhares. E a lona ficou lá por cerca de dois meses ou até mais, até ser retirada. Ao lado dessa obra, fica um bazar chamado "Paraíso do Real". Esses nomes de lojas de 1,99 sempre me chamaram a atenção pela ambiguidade da palavra real junto de hipérboles, ainda mais num momento de crise financeira. Então a sanguessuga naquele cinema virando hotel ficou sendo chamada por mim e pelos meus amigos de "Sanguessuga no Paraíso do Real".

Em homenagem a ela e todas as epifanias que ela rendeu sobre a cidade, pedi ao meu amigo Caio Rocha, que acompanhou-me com entusiasmo no observatório da sanguessuga e que é mestrando em etnomusicologia e também radialista e jornalista musical, que fizesse uma *playlist* musical sobre esses processos de parasitismos capitalistas tanto da cidade quanto de nossas subjetividades.





Imagem: Gabriella Gasperim. Fotografia digital, 2021.

## A Sanguessuga no Paraíso do Real

▶ *Copa dos Edifícios*

▶ *Hurray For The Riff Raff - Rican Beach (...)*

▶ *Tom Waits - "What's He Building?"*

▶ *Cowboy Junkies - Working On A Building (...)*

▶ *Os Brazões - Gotham City (Brazilian Musi...*

▶ *Zeca Afonso - Os Vampiros "Eles Comem Tu..."*

▶ *Alessandra Leão - Devora o Lobo - Lyric ...*

▶ *Pacto de Sangue*

▶ *Lady Jane (Participação especial de a Ba...*

▶ *Paradise Fell - Kaia Kater*

▶ *Dark Was the Night Cold Was the Ground*

### 3. Conexões

Dia 7 de março saí de casa por volta das 16h, disposta a caminhar pelo bairro e arredores em busca de doações de mudas de plantas para começar uma horta no espaço de uso comum do prédio, que não vinha sendo usado há muito tempo. Levei comigo alguns apetrechos e sementes que havia trazido do interior ou coletado em outras caminhadas.

A deriva já não é uma peregrinação solitária ou coletiva em busca de territórios inexplorados, mas também é um dispositivo de interação para habitar territórios já habitados, ser hóspede e receber hospitalidade. (...) *A arte de ir ao encontro de alguém produz conhecimento recíproco entre as pessoas que se movem em nosso novo mundo e nos ajuda a imaginar, com ela, uma outra maneira de habitá-lo.* (CARERI, 2017, p. 33).

Minha primeira parada foi numa das vizinhas quase de porta e ela disse já ter doado quase tudo que tinha. O que me fez pensar que para a primeira abordagem aquilo era uma informação valiosa - as pessoas ainda costumam doar e trocar mudas de plantas e esse era o ponto de conexão e encontro que eu gostaria de ter. As ruas estavam quase desertas, apenas alguns grupos se movimentavam porque era dia de jogo de futebol. Uma família que tomava chimarrão no pátio do prédio foi muito simpática comigo. De início, parecia que não iam me dar conversa, mas conforme fui explicando meu desejo, fomos conversando. Falaram para eu voltar lá em alguns meses que teriam pezinhas de alface e me deram várias sugestões de como fazer minha horta. Ganhei deles mudas de árvores: *mamoeiro*, *laranjeira* e *pitangueira*. Em um outro pátio tinham duas mulheres e uma menina, uma delas estava sentada num banco

segurando um filhote de gato no colo, ao que não resisti e parei. Elas não tinham muitas plantas porque conforme me contaram, ali no pátio do prédio nada “vingava”, e conversamos sobre as dificuldades dos diferentes tipos de solo e experiências frustradas com plantas. Meses depois, passei em frente a mesma casa e percebi que estava cheia de flores e temperos.

Passei por algumas outras casas e recebi doações. Na volta, vi uma movimentação numa casinha de madeira com parreiras e gatinhos, que reconheci de outra caminhada, era a casa da imagem de Jesus voando. Uma senhora bem idosa, com máscara cirúrgica no rosto e uma touquinha de pintar cabelo, regava suas plantas. Dona B. morava ali sozinha com seus sete gatos, um deles era preto e se chamava Sabá. Me deu um pézinho de *sálvia*, conselhos sobre não me casar, galhinhos de *alecrim* e, agarrada no portão com seus olhos azuis, me disse tudo sobre plantas, Jesus, gatos, e quanto mais eu apenas ficava ali quieta, mais ia se lembrando de outra planta para me dar, outro conselho de vida, outro assunto.

*-“Quando eu era guria, tudo que eu plantava vingava. Flores, qualquer coisa, era impressionante. E tinha uma tia que não gostava de mim, que ia lá e pisoteava tudo em cima do que eu plantava. Depois de casada, não é que meu marido fazia*

*a mesma coisa? Olha, eu sou católica, mas essas coisas eu não sei explicar."*

Desde o início da conversa ela falou umas três vezes pra eu nunca me casar. Depois contou esse trauma das flores... E por fim em algum momento ouvi ela falando de militares que iam a sua casa e quando perguntei "militares?", explicou: *"É que eu tenho medida protetiva contra meu ex marido, Lei Maria da Penha"*. No dia seguinte, lembrando que era 8 de maio, passei em frente a casa dela para cumprimentá-la, pensando em quanto tempo deve ter sofrido e tido seus direitos garantidos tarde por uma lei tão recente. Algumas outras vezes parei para conversar, saber como ia a vacinação e trocamos sementes e mudinhas ou só acenamos uma para outra.





Imagem: Gabriella Gasperim. Montagem digital a partir de *print screen* do aplicativo Strava e fotografia.



Imagem: Gabriella Gasperim. Registro de uma das visitas a Dona B. / sementes de urucum e erva doce., 2021

### 3.1 Uma Agonia em comum

Desde que me mudei para o bairro, passei a perceber a presença massiva de ervas-parasitas nas árvores, que ficavam com as folhagens de suas copas praticamente todas descaracterizadas e acabavam parando de produzir frutos e flores, enfraquecendo até morrer. Descobri que era *erva-de-passarinho*<sup>13</sup>, ou *visgo*, que é um parasita dispersado pelas fezes dos pássaros que cresce e se reproduz muito rápido, grudando suas raízes nos troncos de uma forma que se enreda e torna difícil a tarefa da limpeza.

Em algumas caminhadas, passei a parar e analisar se era possível livrar a árvore da erva ou se já estava tomada. Às vezes fazendo alguma limpeza, arrancando seus ramos, mas um pouco desencorajada por ter lido que apenas com a poda total da parte danificada resolveria, e por já ter encaminhado uma poda para a prefeitura de uma das árvores, e ter consciência de que esses processos são demorados. De qualquer forma, não conseguia entender por que tinha ficado tão obsessiva logo com isso e querendo fazer algo a respeito.

Saindo de casa ao final da tarde num dia frio para pegar os últimos minutos sol, eu ia com o pensamento longe e a cabeça baixa. Meu companheiro, então, me apontou uma mulher

---

<sup>13</sup> *Struthanthus flexicaulis*.

por volta dos sessenta anos, debaixo de uma pequena árvore. De boné e mochila na frente do peito, na ponta dos pés. As raízes da *erva-de-passarinho* pendendo do tronco... Então era ela! Já tinha observado algumas raízes suspensas ou no chão mas nunca tinha visto quem fazia essa limpeza naquela arvorezinha específica. Não me contive e me aproximei, abordando-a. - *Não moro nessa rua, mas caminho por aqui e costumo tirar essas pragas. Não aguento ver as árvores assim.*

Fiquei me sentindo contemplada em ter esse encontro com outra “fiscal de árvore”, como outra passante definiu numa ocasião em que observamos juntas, árvores sendo arrancadas por retroescavadeiras em uma obra. O sentimento que tive quando paralisei e fiquei hesitando me aproximar ou não, sem querer interromper, foi um misto de reconhecimento de algo familiar e o de presenciar uma coisa rara. Talvez em algum outro momento em que eu estivesse mais atenta, fosse um acontecimento que só viesse de encontro naturalmente, mas foi como um puxão de orelha. Estava desanimada e descrente e de repente, empolgada em querer ouvi-la, me sentindo menos sozinha em minha agonia.

Ela contou-me que sempre caminha por ali, às vezes com uma tesoura de poda em mãos. Tinha saído, para nossa surpresa, para conversar com moradores de rua e perguntar se haviam sido vacinados, distribuindo informativos sobre postos de



saúde, que ela mesma havia impresso. E ainda, distribuindo máscaras para aqueles que não tivessem, orientando para que usassem corretamente. Compartilhou comigo como se faz a remoção das ervas de passarinho, que eu já fazia mas pensava ser inútil. *"- Impossível não é, mas tem que se dedicar. Se eu morasse aqui pegaria uma escada alta e arrancaria tudo."*

Fiquei pensando sobre a agonia em comum, nas coisas que podemos fazer na cidade e que, teoricamente, nada nos impede... No sentimento de autonomia coletiva em contraste com o de prisão, de inércia, inação, passividade. Nas cidades do interior ou mesmo no interior das propriedades privadas não é incomum as pessoas fazerem a manutenção dos seus jardins enquanto conversam, naturalmente, como quem respira. Mas a relação com o bem comum, com o que é público, é diferente, beirando o descaso. Talvez não fosse nem surpreendente que essa mesma mulher que se dedicava a cuidar de uma árvore de uma rua, que nem era a que ela morava, tivesse também uma atenção solidária para com as pessoas em necessidade.

Conversamos por um tempo, hesitantes em nos despedirmos, e por fim combinamos de nos reencontrarmos, dessa vez com nossas ferramentas de poda, e realizamos essas limpezas de árvores juntas. Acabei encontrando-a apenas mais umas duas vezes, em que a acompanhei até seu prédio, caminhando e conversando tanto que esquecemos de trocar contato. Ela tinha

o hábito de caminhar e conhecia a cidade inteira como a palma da mão. Falou-me detalhadamente sobre árvores de outros bairros pelos quais passava. Lembrando de um comentário dela sobre as pessoas escreverem nos troncos das árvores de *pau-ferro*, que ela ia removendo as casquinhas formadas dessas cicatrizes, venho deixando bilhetes para ela, de forma que não machuque a árvores, nos troncos de algumas com ervas arrancadas.



Imagem: Registro por Mônica Rosa, fotografia digital, 2021.



Imagem: Gabriella Gasperim, fotografia digital, 2021



### 3.2. Acumuladores

Em uma caminhada pelo bairro na companhia de minha colega, vizinha de bairro e parceira de derivas, Mônica, enquanto conversávamos, vimos no lixo, um objeto que nos chamou atenção. Parecia um carretel de metal, preto, de cerca de 60cm. Paramos e ficamos olhando, nos indagando o que era, até que um homem que estava próximo, segurando outras duas estruturas de metal, nos abordou. “- *Vocês têm algum projeto?*”. E explicou que iria levar aquelas duas peças que tinha em mãos e deixar o carretel, mas caso tivéssemos um projeto, uma ideia do que fazer, e precisássemos das outras duas peças para usar junto, ele poderia deixar para nós.

Era, na verdade, uma peça de mostruário de mangueira. Ele sugeriu entusiasmado vários usos que poderíamos fazer, como por exemplo, um suporte suspenso para vasos de planta. Depois comentou rindo de si mesmo: “ - *Olha só pra mim, fazendo propaganda de lixo!*” Falamos que ficaríamos apenas com o carretel, que deixaríamos em algum lugar ali na rua mesmo para seguir nossa caminhada e que caso ainda estivesse ali na volta, levaríamos, porque de fato, não tínhamos um projeto. Então ele sugeriu um plano, perguntando se nos importávamos de ajudar a carregar os achados, dele e o nosso, até o seu

Se o projeto predeterminado não prevê posteriores relações com o contexto, porque pensa já tê-las incorporado todas, o projeto indeterminado, ao contrário, é completamente contextual, relacional e imprevisível. (CARERI, 2017, p. 115).

local de trabalho, onde poderíamos deixar e pegar depois. Como era no sentido de minha casa, aceitamos a pequena aventura. *“Viu só, acumuladores sempre se encontram e se ajudam!”*.

Quando estávamos ainda na metade do caminho, ele perguntou *“vocês gostam de cachorro?”*, ao que concordamos, mesmo sem entender. Chegando no local, havia uma porta de metal azul de correr, ele bateu e chamou uma mulher pelo nome, que abriu e ele disse *“- As gurias vieram ver os cachorros!”* e avistamos uns 10 cachorros numa salinha com brinquedos. Era um centro de adestramento de cães. Demos carinho nos cachorros, agradecemos e combinamos de voltar para buscar nosso carretel antes da loja fechar, recebemos um cartão do estabelecimento com seu contato. Dali, seguimos nossa caminhada novamente em direção ao centro do bairro e na volta, passamos para buscar o carretel como combinado.



Imagem: Gabriella Gasperim. Fotografia digital, 2021.

Aquele carretel ficou parado no espaço comum do prédio por vários meses e eu pensava sobre não ter um projeto. Um dia, em um devaneio, enrolei alguns ramos de ervas daninhas nele e comecei a jogar para que fosse rolando pela calçada inclinada onde as crianças jogam bola na minha rua. Aquele objeto me faz pensar muito além da materialidade dele. Sobre ter um objeto em si, sobre produzir, artisticamente, objetos palpáveis ou não, sobre que ação fazer com um objeto, sobre gerar lixo. E sobre como não é uma exclusividade de artistas ter o hábito de coletar da rua, do lixo, reciclar, acumular, muitas vezes, para o caso de algum dia ser útil, ou para nada. Por um desejo irresistível de recolher algo da rua e levar consigo para a casa. Por gostar de coisas inúteis. Por dar valor para o que não tem valor.

### 3.3. *Pra lembrar da minha casinha no interior*

Em um dia de agosto fiz algumas impressões em tamanho médio-grande, A3, de fotografias do bairro que havia feito até então e saí com elas para estudar a possibilidade de colar lambe-lambes ou fazer alguma intervenção. A ideia era visitar os mesmos lugares das fotografias e observar as mudanças deles ou não, intervindo de acordo, adicionando uma outra camada de tempo, abrindo uma janela. Um orelhão tinha desaparecido, uma casa abandonada havia sido demolida, vegetações tinham crescido sob alguns muros, outras tinham sido podadas, mais lixo, menos lixo em alguma paisagem... Mas as fotografias pareciam esvaziadas de sentido para mim naquele momento, como o menos importante do processo de as ter registrado durante as caminhadas.

Passando por uma barbearia simpática e simples de beira de calçada, vi uma geladeira antiga ao fundo e pensei que seria ali que gostaria de expor qualquer coisa naquele momento, para ter um pretexto de aproximação. Parei para conversar com os clientes e o barbeiro, apresentei-me como artista e expliquei a ideia do trabalho, depois pedi que eles escolhessem alguma das fotografias. O senhor que vou chamar de Seu R. comentou sobre algumas *"-que coisa feia"*, porque



Por afiliar-se tão estreitamente ao contexto (muitas vezes urbano, da rua, da cidade, externo ao instituído como espaço de arte) e ao ato efêmero da experiência (...), toda Arte de Ação necessita algum tipo de documentação para inserir-se e dar continuidade à sua trajetória dentro do circuito ou sistema legitimado da arte. Esta documentação nem sempre é um registro direto, como fotografias e filmagens da ação, mas também cobre uma gama imensa de outras possibilidades como anotações narrativas, gravações em áudio, diários do processo, croquis explicativos, e/ou simplesmente o conto como descrição do acontecido. p.3 (Como tão bem nos mostrou a arte conceitual nos anos 1960/1970). (BECKER, 2010, p.3)

eram de lugares vazios, abandonados, com lixo, e não diziam muita coisa para ele... e conversamos sobre esse sentimento. Até ver uma em que seguro minha bolsinha de jardinagem em frente a uma casa simples de madeira transbordante de vegetação sob um muro de concreto *"- Essa aqui, pra lembrar da minha casinha no interior"*, disse botando a mão no peito. Conversamos sobre a saudade e a dificuldade em se adaptar na cidade grande. O barbeiro então indicou onde eu poderia colar a imagem e saí com data para voltar, pois o Seu R., depois de perguntar se eu era fotógrafa, pediu que eu fosse fazer um registro dele e de seus três amigos de Porto Alegre, para levar de volta à sua cidade. Passo algumas vezes em frente e a foto continua lá, e estamos tentando conseguir reunir todos os amigos para a grande foto.



Imagem: Gabriella Gasperim. Fotografia digital, 2021.



Imagem: Registro de ação em fotografia digital por pessoa anônima abordada na rua, 2021.



Imagem: Gabriella Gasperim. Fotografia digital, 2021.





Imagem: Registro de ação em fotografia digital por pessoa anônima abordada na rua, 2021.

#### 4. Livro

Ao pensar em possibilidades de síntese e modo de apresentar e compartilhar minhas derivas e experiências, deparei-me com várias questões sobre formas de apresentação e registro de ações efêmeras, como a arte de ação, a auto-apresentação, a arte contextual, entre outras, as quais minha prática envolve. E ao mesmo tempo, lembrei-me da Prof<sup>a</sup> Maria Ivone falando sobre os “*photo-souvenirs*” de Daniel Buren<sup>14</sup>, como ferramenta para que se tenha uma lembrança de um trabalho maior, um fragmento dele. As possibilidades de formatos e suportes nesse sentido, são muitas, pode ser um cartão postal, um pôster, uma fotografia avulsa, entre outras.

Desenvolver formas de apresentar graficamente os materiais que havia compilado durante a pesquisa e poder compartilhar com as pessoas, me pareceu algo importante nessa etapa de conclusão de curso. Uma das referências que tive para esse tipo de desdobramento gráfico foi o trabalho da artista e professora da UDESC Raquel Stolf, que utiliza frequentemente publicações gráficas textuais e visuais como disparadores de suas pesquisas sonoras. Em especial, a

---

<sup>14</sup> Artista conceitual (França, 1938-) conhecido por sua investigação formal com as *listras* entre as décadas de 1960-1970 e intervenções no espaço público até os dias de hoje.

publicação *Anecoica*, que ela realiza anualmente com seus alunos em um projeto de ensino.



Imagem: Publicação *Anecoica*, Ed. Céu da boca. Coord. Raquel Stolf, 2014.

Tendo essas questões em mente, optei por fazer um pequeno livro impresso, composto por lâminas individuais, soltas, em P&B e sem ordenação. Fazendo articulações verbo-visuais com fotografias, mapas, *print screens*, fragmentos de textos e listas produzidas nesse período. O papel usado é do tipo offset 180g, o formato dele é 9,1cmx9,1cm e contém 20 páginas com impressões na frente e no verso. Para agrupar as páginas e preservar o material, fiz capas simples usando papel vegetal. Para a foto que contém as informações e dados da capa/contracapa, utilizei etiquetas adesivas sob a folha de uma árvore. As linhas de mapas “inventados” podem ser montadas como um quebra cabeças e há um QR code para ser escaneado, que dá acesso a *playlist* musical Sanguessuga no Paraíso do Real.

Inicialmente fiz algumas poucas impressões unitárias para a apresentação à banca de TCC, mas o intuito é o de constituir material, fazendo tiragens maiores e limitadas para situações de distribuição e compartilhamento, tanto em oportunidades expositivas quanto para amigos e como forma de agradecer as pessoas que compartilharam comigo suas histórias.



Imagem: Gabriella Gasperim. Capa ou contra-capas. Livro Mapas afetivos do bairro São Geraldo, 20 p, 2021.





Imagem: Gabriella Gasperim. Fotografia de uma página do livro Mapas afetivos do bairro São Geraldo intervindo na paisagem. 2021.



Imagem: Gabriella Gasperim. Vista de algumas das fotografias contidas no livro Mapas afetivos do bairro São Geraldo. 2021.



Imagem: Gabriella Gasperim. Outras vista de algumas páginas contidas no livro Mapas afetivos do bairro São Geraldo, 2021.





Imagem: Gabriella Gasperim. Caixa do livro para apresentação à banca, contendo sementes de flores sortidas de *Boca-de-leão*, *Campainha de jardim* e *Dedaleira*. 2021.

## 5. Caminhar, parar e continuar caminhando

A escolha pela arte é uma escolha por viver em crise (...) No sentido de que a arte é uma prática, uma área de atuação e do conhecimento, sem conteúdo previamente definido. Sem objetivos claros. A área da invenção, do exercício da liberdade, da sensibilidade e do pensamento crítico, mas um pensamento em ação. Diferente do que a gente costuma associar com pensamento que é um exercício abstrato do pensar. A prática artística tem a ver com pensar em ação. Pensar andando, fazendo, com o corpo, se deixando atravessar, transformar pelo mundo e transformando o mundo nesse processo e assumir isso como trabalho. (BALDISSEROTTO, transcrição de áudio, 2016, 07:48 - 8:29)

O tema geral da pesquisa foi o cotidiano do bairro São Geraldo e arredores, nos quais procurei ouvir e construir narrativas, ações propositivas e diálogos com a vizinhança durante a realização de derivas, buscando afetividades. Paralelamente, analisei meu próprio processo criativo, buscando referenciais práticos que conversassem com ele, investigando formas de documentação, de escrita, e por fim, apresentando um pequeno livro impresso.

Com o fim de ciclo se aproximando, percebo as transformações que as experiências da graduação em artes visuais me trouxeram, pela formação de olhar, pela percepção estética e política e pela rede de afetos construída, com os quais pretendo ainda fazer muitos projetos. Sem uma conclusão objetiva, mas muitos desejos e novos horizontes, seguirei caminhando.

## 5. Bibliografia

ARDENNE, Paul. **Un Arte Contextual: Creación Artística en medio urbano, en situación, de intervención, de participación.** Murcia: Cendeac, 2002.

BALDISSEROTTO, Ana Flávia; BERNARDES, Maria Helena. **A estrada que não sabe de nada.** (Documento Areal; 11) Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2012.

BECKER, Jéssica. **Cotidiano Experimentado: O Processo Criativo na Prática de Ações.** (Dissertação de Mestrado em A). Porto Alegre: PPGAV-IA/UFRGS, 2011.

\_\_\_\_\_. **Linha de maior declive: relações poético-críticas do caminhar.** In: Palíndromo, v. 12, n. 26, p. 13-24, jan - abr 2020. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/16421/10908>. Acessado em: 28/03/2021.

\_\_\_\_\_. **Esperando Jessica, considerações sobre a ação de auto-apresentação.** Anais do V ciclo de Investigações Transposições do PPGAV/UDESC, Florianópolis, v. 1, Fascículo 1, Série 1, 2010.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética.** São Paulo: Editora G. Gili, 2013.

----- . **Caminhar e parar**. São Paulo: Editora G. Gili, 2017.

CORTÁZAR, Julio. **Histórias de Cronópios e de Famas**. São Paulo: Círculo do Livro S.A, 1964.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. [França,1967]. Rio de Janeiro: *Contraponto*, 1997.

FERVENZA, Hélio. **Considerações da arte que não se parece com arte**. In: MARTIM, Alice; COSTA, Luís; MONTEIRO, Rosana (Orgs.). *Cultural visual e desafios da pesquisa em arte*. Goiânia: ANPAP, 2005.

----- . **Formas da apresentação: Exposições, montagens e lugares impossíveis**. MODOS: Revista de História da Arte, Campinas, SP, v. 2, n. 1, p. 204-219, 2018. DOI: 10.24978/mod.v2i1.968. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/mod/article/view/8663346>. Acesso em: 14 maio. 2021>.

JACQUES, Paola Berenstein. **Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

LIPPARD, Lucy R. **A desmaterialização da arte**. In: *Arte & ensaios*. Rio de Janeiro Vol. 20, n. 25, 2013.

MELIM, Regina. **Outros espaços expositivos**. Revista Da Pesquisa CEART-UDESC. V.2, n. 2. 2007. (p. 1-10).

NUNES, Aline. **Sobre mudar de paisagens, sobre mirar com outros olhos: Narrativas a partir de deslocamentos territoriais**. (Tese de doutorado em Arte e Cultura Visual), Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós Graduação em Arte e Cultura Visual, Goiânia, 2015.

ONO, Yoko. **Grapefruit**. EUA, Simon & Schuster, 2009. Disponível em: [https://monoskop.org/images/9/95/ono\\_yoko\\_grapefruit\\_o\\_livro\\_de\\_instrucoes\\_e\\_desenhos\\_de\\_yoko\\_ono.pdf](https://monoskop.org/images/9/95/ono_yoko_grapefruit_o_livro_de_instrucoes_e_desenhos_de_yoko_ono.pdf). Acesso em: 24/10/2021.

PEREC, Georges. **Tentativa de esgotamento de um local parisiense**. São Paulo: Gustavo Gili, 2016.

RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso. **Desde que parti: das ilhas aos abismos e horizontes**. In: (ANPAP), 28, Origens, 2019, Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1670-1689.

SALLES, Evandro (coord.) **O que é Fluxus? O que não é! O porquê**. Curadoria: John Hendricks. Texto: Arthur C. Danto. Brasília, CCBB, 2002.

SILVEIRA, Paulo. **As existências da narrativa nos livros de artista**. (Tese de Doutorado em Artes Visuais). Porto Alegre, PPGAV-IA/UFRGS, 2008.



VERAS, Eduardo Ferreira; BERNARDES, Maria Helena. **“Sinto que o mundano está incorporado”**: uma conversa com Maria Helena Bernardes. Porto Arte: Revista de Artes Visuais. Porto Alegre: PPGAV-UFRGS, v. 22, n. 37, p.1-15, jul.-dez. 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.22456/2179-8001.80098>> Acessado em: 28/09/21.

VISCONTI, Jacopo Crivelli. **Novas derivas**. (Tese de Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) São Paulo: FAUUSP, 2012.

#### **Sites:**

**Ana Flávia Baldisserotto: com uma carrocinha, comprando e vendendo histórias anônimas**. Locutora: Bárbara Nickel. 2016. *Podcast*. (*Podcast Coisas que a gente cria*, ep. 033). Disponível em: <<https://www.coisasqueagentecria.com/ana-flavia-baldisserotto-com-uma-carrocinha-comprando-e-vendendo-historias-anonimas/>> Acessado em: 21/10/2021.

BALDISEROTTO, Ana Flávia. **Carroça de Histórias Ambulantes**. c. 2016. Site - Página inicial. Disponível em: <<http://www.historiasambulantes.com.br/>> Acessado em: 21/10/2021.

STOLF, Raquel. **Assonâncias de Silêncios**. 2007-2015. Site. Disponível em: <<http://www.raquelstolf.com/?p=4267>> Acessado em: 21/10/2021.